

**ESCREVER E NARRAR: A ESCRIVIVÊNCIA FEMININA NEGRA NOS
*BECOS DA MEMÓRIA***

**WRITING AND NARRATING: BLACK FEMALE WRITING IN THE *BECOS
DA MEMÓRIA***

Pâmela Paula Souza Neri¹

RESUMO

O presente artigo tensionou a *parecença* entre a narradora personagem Maria-Nova e a escritora Conceição Evaristo, na obra *Becos da Memória*, para formular uma discussão da escrita feminina negra nas escritivências da literatura pós-colonial. A *parecença* pauta-se na memória de ficção, na qual a invenção relaciona o real e o ficcional, a rememoração da memória e o esquecimento. Para tanto, partiremos de dois caminhos para a interpretação, a saber: a personagem pós-colonial no viés do corpo-texto das memórias do trauma, assim como, a escritivência como uma fronteira entre o teor testemunhal e ficcional, partindo de Ribeiro, Spivak e Seligmann-Silva.

Palavras-chave: a personagem pós-colonial, escritivência, norma colonizadora, o teor testemunhal e ficcional.

ABSTRACT

This article analyzes the similarity between the narrator character Maria-Nova and the writer Conceição Evaristo, in the novel “Becos da Memória”, to formulate a discussion about black women's writing in postcolonial literature. The resemblance is based on the memory of fiction, in which the invention relates the real and the fictional, the remembrance of memory and forgetting. For this purpose, we will start from two paths for interpretation, namely: the postcolonial character in the bias of the body-text of trauma memories, as well as the writing as a border between the testimonial and fictional content, starting from Ribeiro, Spivak and Seligmann-Silva.

Keywords: the postcolonial character, writings; Colonizing norm, the testimonial and fictional content.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo PPGL-UFGA, mestre em Educação e Cultura pela mesma instituição. Docente de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Pará. E-mail: pamelagrafia@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8641-8165>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4912604411367390>

Introdução

No prefácio da 3ª Edição de *Becos da Memória*, Conceição Evaristo (2017) rememora que a tessitura do romance se deu entre 1987 e 1988. Inclusive, em 1988, ano de centenário da abolição da escravidão, a obra quase foi publicada pela Fundação Zumbi dos Palmares, porém o projeto não foi executado por falta de verbas. A principal dificuldade que inviabilizou a publicação, que só ocorreu em 2006, deu-se pelo preconceito em relação a escrita feminina no meio editorial, e no caso de Evaristo, de uma mulher negra. O romance só chegou as mãos do leitor após seus contos e o aclamado romance *Ponciá Vivência. Becos*, inclusive, segundo Evaristo, já estava acostumado com o seu lugar *cativo*, a gaveta.

Na literatura da autora, a descrição do ambiente de uma favela se deu primeiramente na produção de suas crônicas em 1968. O gênero foi, “o primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2017, p. 9): Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase inconsciente, eu já buscasse construir uma espécie de *escrevivência*”. A narrativa tem como pano de fundo a demolição dos barracos de uma favela e desapropriação dos moradores que viviam há décadas no local, nesse sentido, o romance focaliza o *desfavelamento*.

De acordo com Margarete Aparecida de Oliveira (2018), a voz feminina da escrita de Evaristo é de uma menina, Maria-Nova, que narra a vida dos moradores como Tio Totó, Cidinha Cidoca e andarilhos como Bondade. Em meio a miséria, as roupas lavadas de famílias ricas, é feito o retrato das diferentes gerações, as memórias ora urbanas ora rurais são as linhas que costuram a colcha de retalho da memória coletiva, em meio a destruição.

A tessitura aqui construída parte do que Conceição Evaristo chama de *parecença* entre sua personagem Maria-Nova e ela própria, entre a autora e narradora, que constitui uma ficção da memória como uma resistência ao lugar de negação. Isto posto, partiremos de um duplo caminho da escrita feminina negra –a personagem pós-colonial, composta pela personagem narradora de memórias do trauma, contra uma norma

colonizadora; assim como, a interseção do lugar do conflito da personagem feminina no romance, um elo entre a ficção e a realidade, através do teor testemunhal e ficcional de Maria-Nova e Conceição Evaristo nos espaços da memória na narrativa.

Narrar e escrever: a escrevivência de Evaristo e Maria-Nova

Becos da Memória é um rio que possui como nascente as rememorações, e Maria-Nova é ao mesmo tempo observadora, que anda entre os becos da favela e constrói as suas memórias e dos outros, como de igual modo, é a ouvinte das histórias da Vó Rita e do Bondade, Tio Totó, Maria-Velha, entre outros. Para Oliveira (2018), no romance, não é destrinchado todas as nuances e possíveis compreensões da realidade constituída a cada página, por isso, o leitor é convidado para conceber cada memória, o que cada narrativa revela. Segundo Evaristo (2017), tecer cada frase, cada ação de *Becos* foi uma escrevivência de suas lembranças e da sua família, e antes de costurar as frases, precisou voltar a um espaço antes só seu, da sua infância, da mãe D. Joana, que narrou a ela as lembranças da favela onde moravam, e tal lembrança é revisitada toda vez pela rememoração da entonação materna, de um sentido que a joga no passado.

Sarlo (2007), ao formular sua teoria sobre a subjetividade no campo da crítica do testemunho, pondera que a lembrança é força motriz incontável e indissociável da tentativa de construir uma representação do eu e dos *outros*, logo,

propor-se não lembrar é como se propor a não perceber um cheiro, porque a lembrança, assim como o cheiro, acomete, até mesmo quando não é invocada. Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga uma perseguição, pois nunca está completa. (...) Poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio. (SARLO, 2007, p. 10).

Duas frases centrais devem ser apreendidas aqui na composição da memória da lembrança, a saber: não permite ser deslocada; e precisa ser perseguida no presente, pois nunca está completa.

Não permitir ser descolocada, torna a memória um caminho a ser perseguido, no qual a rememoração deve ser preenchida por uma relação entre realidade e ficção,

segundo Evaristo, é preciso ir “para o exercício da escrita. E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? O invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas, desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras” é a Maria-Nova, sua invenção, nem mentira e nem verdade, ficção (EVARISTO, 2017, p. 3).

O romance é o vivido e o inventado, nas palavras da autora, “quanto a aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver” (EVARISTO, 2017, p. 3-4). Para Evaristo, a escrevivência, teoria alcunhada por ela, confunde realidade com ficção, o papel da narradora com a autora, até as histórias reais são inventadas, a escrevivência é o entrelugar entre o viver e escrever, e ao mesmo tempo é um termo histórico, pois pode remontar as falas de mulheres negras que tinham que dividir suas histórias com a casa-grande, também pode tornar tal imagem borrada pela possibilidade de um presente trilhado pelas autoras negras, de autonomia (EVARISTO, 2020, n.p.). Nesse sentido, a escrevivência é um ato político de resistência, pois a vivência não mantém o *eu* aprisionado no passado, mas o impulsiona a um presente de conhecimento que preza pela liberdade.

Quanto a perseguição no presente, a incompletude da rememoração em *Becos* é um exercício que envolve um caráter de resistência histórica, entre a vivência de quem escreve e a narração da personagem criada para preencher as lacunas da memória e do esquecimento, para assim compor uma história que incomoda, pois “a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível” (EVARISTO, 2020, n.p.).

Oliveira (2018) em sua análise da obra *Becos da Memória* pontua que o feminino na autora é traçado em linhas da narrativa dada pelo viés da liberdade, do grito das vozes antes silenciadas. O elemento memória e o *cuidado de si* são presenças da política da memória que surgem em momentos de perigo para integrar as memórias traumáticas a uma memória coletiva, em uma fronteira, um encontro e desencontro, nas palavras de Pollak, entre o dizível e não dizível ou

confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de

grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto (1989, p. 9).

Nas linhas do romance, a narrativa usa a memória como um elemento literário, e esta rememoração se aproxima da histórica, já que revê o passado para promover ações e pertencimentos no presente fomentados pelos flashbacks (OLIVEIRA, 2018, n.p.). As fronteiras dos silêncios individuais e coletivos não são intransponíveis, mas existem sim. Para Pollak (1989), o medo de não ser ouvido ou da punição da denúncia torna o discurso interior urgente, pois aquele que narra, aqui Maria-Nova, grita sobre a violência, nele, do espaço favela, e dos atores marginalizados pela elite. A memória do trauma pode conciliar o que o sujeito confessa no seu âmago e o que confessa para o exterior, entre a memória e o esquecimento.

A rememoração nos remete ao termo e conceito tão caro em momentos de recomposição de narrativas limitadoras e normalizadoras, *O lugar de fala*, aqui discutido pela tessitura de Djamilia Ribeiro (2017) e pelas vozes de outras autoras que constituem a noção do feminismo na pós-modernidade. Entre Conceição Evaristo e Maria-Nova, escrever e narrar, temos um elo de urgência da escritora negra, pois se para a escritora branca escrever é um ato político, para a mulher negra, a escrita antecede o desafio político de publicar.

Aliado ao lugar de fala, o conceito de subalternidade epistêmica dentro do panorama da escrita feminina negra é uma discussão emergente. No âmbito pós-colonial, o lugar de fala torna-se mais subalterno quando falamos da mulher preta. Patrícia Hills Collins, que ao lado de Ângela Davis é uma das mais influentes pesquisadoras do feminismo negro nos Estados Unidos, pondera que existe uma necessidade de autoavaliação e definição autônoma da intelectual negra, em primeiro, para constituir uma representação das imagens históricas do outro para além do intelectual investigador; em segundo, evitar a objetivação e a desumanização das instituições. Em resumo, “Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste em imagens que definem as mulheres negras

como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos”. (COLLINS apud RIBEIRO, 2017, p. 67). E o lugar de fala para romper a subalternidade? Segundo a autora, decorre de um revezamento entre duas paralelas, *outsider within* em tradução *forasteira de dentro* e uma segunda, a *forasteira de fora*.

As paralelas são consequência da ausência de um lugar fixo, de direito, mesmo no âmago do movimento feminista, a mulher negra e sua escrita estão entre esses dois caminhos, pela assimilação da sua história e a generalização da mulher, em sua maioria, branca. Maria-Nova fica nessa fronteira, de um lugar de negação, mas de igual modo, privilegiado, já que nesse ponto da fronteira há um *espectro mais amplo*, que ao mesmo tempo permite compreender o porquê da subalternidade, “pela reflexão e crítica do próprio movimento feminista e pós-colonial, assim como viabiliza um caminhar até o lugar desejado, o da igualdade e direito”. (RIBEIRO, 2017, 15).

A Maria-Nova menina que observava no tempo da narrativa o desfavelamento e o agravamento dos conflitos já vividos antes do despejo, agora adulta, transforma o visto em uma ficção da memória no tempo da narração, escreve os relatos através das lembranças rememoradas, em vários momentos, a memória é revisitada pela recordação do trauma, como quando lembra o velório do Tio Totó, um dos seus narradores da infância:

O corpo de Tio Totó na mesa estendido. Olhou todos em volta. Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que tinha decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a história do seu povo (EVARISTO, 2017, p. 164).

Evaristo considera as paralelas da *forasteira de fora* e de dentro como o lugar para romper a máscara, “publicar é um ato político (...), precisamos mostrar as nossas narrativas, temos que disputar. Aquela imagem de escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada” (EVARISTO, 201, p. 146). A autora diz acreditar na possibilidade da *quebra do silêncio institucional*, tal qual parece acreditar sua personagem, já que Maria-Nova conta a sua história como se o ato de se narrar

envolvesse um ato de existência livre, mesmo dentro de um projeto colonial (KILOMBA, apud RIBEIRO, 2017, p. 61) hoje questionado, combatido, mas extremamente vigente.

E como romper a máscara? Antes é preciso tensionar a crítica sobre a possibilidade de o subalterno ter o direito de falar, pensamento alcunhado pela autora indiana Gayatri Spivak. Para a professora, o desígnio principal do *intelectual pós-colonial* é conceber um espaço no qual o lugar de fala pode ser daquele que é dono do discurso e não do intelectual que intenta traduzir o dito, para construir uma fronteira de confronto a posição subalterna. “Já a mulher intelectual pós-colonial, e principalmente a mulher negra, deve viabilizar a *autorrepresentação*, assim como, criticar os limites da representação e compreensão das imagens do passado colonial” (SPIVAK, 2010, p.48). O arcabouço epistemológico traçado a partir da crítica do investigador e como ele descreve o sujeito pós-colonial do terceiro mundo torna-se contraproducente quando parte de uma visão eurocêntrica. A crítica se estende desde autores como Deleuze e Foucault, alcançando teóricos pós-coloniais.

De acordo com Ribeiro (2017), Spivak parte da problemática do *Outro* pela visão turva dos intelectuais franceses contemporâneos. A autora indiana é uma interlocutora dos teóricos, principalmente Derrida, Deleuze e Foucault, e não nega suas as contribuições, mas sim, ressalta a assimilação de algumas de suas interpretações em relação a grupos minoritários, tornando incompleta a compreensão de resistência e poder do sujeito pós-colonial. A prova de que o caminho para uma teoria pós-colonial é a crítica através do diálogo com autores europeus e não a negação de seus postulados, corresponde a defesa de Ribeiro de que

Spivak concorda com Foucault no que diz respeito ao pensar a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida saberes produzidos por grupos subalternizados. Foucault afirmava que as massas podiam falar por si, mas entendia que existia uma interdição para que essas vozes pudessem ser ouvidas. O filósofo francês acreditava que o papel do intelectual era analisar as relações de poder entendendo que seu papel não ser representante daqueles que lutavam. (RIBEIRO, 2017, p. 73)

Sobre a inviabilidade da validação dos saberes produzidos por grupos marginalizados, sua potência só não é mais expressiva do que a possibilidade da fala da

mulher, e torna-se mais problemática quando perpassada pelo tripé *pobre, mulher e negra*. E se deslocada para um espaço do pós-colonialismo de países emergentes, a noção da raça é neutralizada pela visão de assimilação de uma falsa igualdade racial no primeiro movimento imperialista.

Para lutar contra a assimilação, a intelectualidade pós-colonial precisa *desaprender*, para não assumir o lugar do colonizador, como ocorre no projeto feminista pensado por Culler, a partir das contribuições da burguesia dita como democrática para a luta feminina. Sobre o importante movimento da *desaprendizagem*, Spivak (2010) pondera que o pesquisador que circunscreve o *Outro* não tem seus equívocos questionados “e, se esse debate territorial se volta ao Terceiro Mundo, não se discerne nenhuma mudança na questão do método. (...) Faz parte da mesma formação que constrói a categoria monolítica da mulher do *Terceiro Mundo*”. A teórica diz que por fazer parte da camada pós-colonial pode ser influenciada por tal ideologia monolítica, por isso, ao perguntarmos se o subalterno, se a mulher pode falar, devemos ter cuidado em não cair na visão ambígua de Freud da mulher e um desejo histórico de liberdade.

Spivak não considera a possibilidade de a mulher subalterna falar quando a liberdade não é uma prioridade global. Porém, Patrícia Collins e Grada Kilomba problematizam tal afirmação da autora indiana, já que defender essa visão é solidificar a norma colonizadora, considerar o lugar de fala das minorias apenas como contraponto a narrativa dominante, quando a posição permite resistências e *insurgências* (RIBEIRO, 2017, p. 68).

O importante, e disso é salutar a crítica de Spivak, é a vigilância contra assimilação cultural e histórica, para não romantizar o lugar do sujeito subalterno. A literatura para uma escrita feminina negra é um espaço de vigilância primordial dos estudos pós-coloniais, autoras como Conceição Evaristo ao narrar através do relato pessoal e coletivo, tornam-se sentinela constante para o fim da subalternidade, pela ficção e testemunho do corpo texto de suas personagens pós-coloniais.

O corpo-texto da personagem pós-colonial: a norma colonizadora como ponto confluência das memórias do trauma

Isto posto, passemos à leitura do primeiro caminho de análise, a personagem, a luz dos elementos da narrativa. Segundo Beth Brait (1985), primeiramente, é importante ressaltar duas características essenciais da personagem, a saber: ela não existe fora do mundo linguístico, pois o meio permite uma liberdade de criação, embora precise de um limite de interpretação; em segundo, as personagens são representações de pessoas, de experiências. Logo, para compreender a personagem, é preciso entender como os autores formaram-nas: “somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habilitado pelas personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto” (1985, p. 9). Maria-Nova tece memórias suas e do “outro”, é uma personagem narradora pós-colonial. Para Conceição, (2017), a escrita é um caminho para reestruturar as lacunas da rememoração, e essas lacunas podem ser produzidas ora por esquecimento temporal, ora pela imposição do esquecimento da transculturação. Para a autora, Maria-Nova, na sua *escrevivência* literária torna inteira as suas próprias memórias transformadas em relatos pelas lembranças, suas memórias como escritora negra em uma país afundado no sonho de uma democracia racial inventada.

Nessa linha de interpretação, Brait (1985), colabora com a noção de “vivência real ou imaginária”, nascendo no mundo linguístico dos seus autores. A autora difere algumas formas desse elemento da narrativa, formuladas pela sua capacidade de narração dentro do texto literário, a saber: o narrador desenvolve registros, quando a narração é na voz da terceira pessoa; já na primeira pessoa, a personagem é a câmera, e nesta nos aprofundaremos; e a terceira, a personagem é testemunha, dada por um narrador que está na narrativa, mas não é a personagem principal.

Maria-Nova é uma personagem que como câmera nos revela os outros pares fictícios e acontecimentos através de um relato, uma conversa direta com o leitor, mesmo que o dialogismo não fique claro. Uma menina que cresceu em uma favela em Minas Gerais, retentora das memórias do lugar, da Vó Rita; Tio Totó; Maria-Velha; – que representa um dos possíveis pontos de chegada de Maria-Nova – Cidinha-Cidoca – a mulher que vive bêbada, suja e descabelada–; e Bondade, que representa o famoso contador de histórias.

A personagem central de *Becos* possui uma das características mais emblemáticas, o de tornar o leitor íntimo da narrativa pelo autoconhecimento da personagem. Brait (1985) pondera que:

Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que presentificam as demais personagens. Se essa forma de caracterização e criação de personagens for encarada do ponto de vista da dificuldade representada para um ser humano de conhecer-se e exprimir para outrem esse conhecimento, então seremos levados a pensar que esse recurso resulta sempre de personagens densas, complexas, mais próximas dos abismos insondáveis do ser humano. (BRAIT, 1985, p. 60)

Do conhecimento da sua própria história, a menina vai alinhavando uma colcha de retalhos de outras memórias, que ao final do romance, são colocadas no futuro, da menina escritora, e assim, do íntimo da personagem, conhecemos as histórias exteriores, de cada beco da favela:

Nessas palavras, temos inclusive A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam no sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória (EVARISTO, 2017, p. 10).

Um elemento importante desse poder revelador da personagem câmera, aquela que vê o que nós não conseguimos. Maria-Nova vê o ser “que dormia embolada” em Vó Rita, mas ele é um mistério na narrativa, não sabemos o que ou quem é. Brait (1985) nos diz que a personagem “expressa a si mesma”, geralmente, a partir de formas como os diários íntimos, monólogo interior, romance epistolar e memórias. Maria-Nova narra suas memórias e do *outro*.

O relato da vivência, reviver o passado para reescrever a nossa história e dos outros permitiu ler em Evaristo um conceito pontuado por Homi Bhabha em *O Local da Cultura*, o corpo circunscrito no discurso ou um corpo-texto, para entender a personagem colonial. E nesse corpo-texto é possível recompor as estratégias que desestruturam a objetivação, possibilitando a subjetivação. E de fato, ressignificar

signos para um pertencimento para além da história imposta de um passado colonial que gerou uma norma colonizadora e diásporas, formam as identidades.

Nas palavras de Bhabha, a “construção do sujeito colonial no discurso, e o exercício do poder colonial através do discurso, exige uma articulação das formas da diferença - raciais e sexuais. Essa articulação torna-se crucial se considerarmos que o corpo está sempre simultaneamente” (1998, p. 107) circunscrito na economia do prazer, mas de igual modo, do discurso de dominação e poder, através da *representação da alteridade*, em que Bhabha para exemplificar usa a análise de Stephen Heath sobre a produção *Um toque da maldade* de Welles, mais precisamente a estrutura de conflito da fronteira entre México e os Estados Unidos, uma representação limitada.

A interpretação de Welles desvia-se da tradicional diferença racial e cultural, e parte de um “discurso moralista e nacionalista para uma identidade nacional”. A narrativa do filme constrói a imagem do estrangeiro da impureza e transgressão (BHABHA, 1998, p. 108). Em um certo momento da narrativa de *Becos da Memória*, Maria-Nova narra como o caráter da moral e da identidade nacional são elementos que entre muitos substituíram o pensamento escravocrata para viabilizar a exploração do corpo-texto negro. Quando conta a história de Maria-Velha, seu oposto no tempo, remonta também a história do pai de seu objeto de narração, *Luisão*, que viveu no período de uma escravidão tardia. Homem inteligente, mas que enlouqueceu mediante as respostas não dadas do porquê de não ser livre. Maria Velha foi criada pelo avô, que perdeu todos os seus filhos, ou para a fome ou para a escravidão, e a história dela é uma das muitas memórias da barbárie que Maria-Nova relembra no presente de sua emancipação como escritora, a narração do trauma da escravidão:

O avô de Maria-Velha sempre chorava quando via a menina cabritar em suas brincadeiras infantis de pula-pula. O velho tinha um amontoado de dores. Dos vários filhos que tivera, perdera quase todos. Vivo, só tinha Luisão e, mesmo assim, louco. Luís fora menino inteligente, sempre indagador das coisas e das causas. Era um rebelde, odiava os sinhôs. Quando venderam a sua irmã, por ela ter agarrado o sinhô pelo peito da camisa, ele vomitava ódio e prometia se vingar, pôr fogo na casa-grande. Chorou a noite toda. E o pai teve uma surpresa. Luís falou com ele durante horas naquela língua da terra distante. O pai pensava que o garoto soubesse falar só a linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita! No outro dia Luís sumiu (EVARISTO, 2017, p. 26).

A história do pai e avô de Maria-Velha é um recorte histórico da narrativa. Luisão, ao voltar da fuga encontra o pai abandonado pelos patrões e conta que em suas andanças descobriu que a escravidão já tinha terminado há muito tempo. Sua mãe e irmãos tinham sido vendidos pela vontade de permanecer em um regime que favorecia a barbárie. Dizia ao pai: “Há muito o homem branco não é mais dono de negro”. E de fato, o tempo do branco dono do preto já acabou há muito tempo, mas as senzalas só mudaram de nome e lugar. Estão no currículo escolar, na desigualdade dos salários e direitos trabalhistas, no racismo estrutural nas instituições, na impossibilidade da publicação feminina negra. Luisão trouxe o conhecimento dado a ele pela experiência, por suas andanças, e essa experiência é narrada e escrita por Maria-Nova em seu presente em busca da liberdade e autonomia do seu papel como escritora.

Jeanne Marie Gagnebin no ensaio *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória* de 2002 faz uma tessitura sobre a relação da memória, do relato e do trauma pelo viés da experiência, compõe uma leitura na qual a personagem Ulisses ao contar, talvez pelo cansaço, de forma tão lenta a narrativa das suas aventuras para os seus impacientes pais constitui uma metáfora do lembrar e esquecer. A demora parece ser fruto de uma elaboração dos fatos vividos, sofridos. “Na história da ferida que se transformou em cicatriz encontramos, então, as noções de filiação, de aliança, de poder da palavra e da necessidade de narração” (GAGNEBIN, 2002, p. 127), ou seja, a cicatriz, a lembrança física, o signo do trauma, remete a uma necessidade, mesmo diante do medo, para contar o vivido, a violência como um ato de reafirmação da sobrevivência.

E qual o motivo de exaltar a sobrevivência? De acordo com Gagnebin (2002) quando Walter Benjamin fala do possível fim da narração e da desimportância da experiência, elenca três motivos, a saber: o compartilhamento entre as gerações; seria possível repassar a palavra numa tradição comum? E a experiência das *provações* que formam experiências aparentemente mais permanentes. Para Gagnebin, mesmo que para denunciar a impossibilidade desses motivos na pós-modernidade, na interpretação de Benjamin, podemos vê-los como desafios, o desejo dessa realização de reconhecimento, mesmo no temor de não ser ouvido, compreendido.

Se eu contar, compreenderiam? Maria-Nova, quando adulta, narra as memórias da escravidão do pai e avô de Maria-Velha, através do ouvir o *velho*, do compartilhamento da história em comum e a realidade da senzala-favela ainda vivida em seus desafios como escritora negra, mesmo que os desafios de Maria-Nova adulta frente a sociedade racista não sejam revelados ao leitor, pois a narrativa cuida do passado da favela e da Maria criança.

A escrevivência como fronteira entre o teor testemunhal e o teor ficcional

Para Seligmann-Silva (2010) é preciso partir de um duplo viés de análise, para compreender o testemunho real e ficcional, a saber: a relação da literatura do testemunho e o seu intento com o real; assim como, o real não deve ser confundido com a realidade tal qual interpretada no Realismo na literatura, mas sim, pela narrativa das memórias do trauma na perspectiva freudiana da representação, daí a importância da história não oficial, do fim da história única.

O conceito de testemunho deságua na intersecção entre *literário, fictício e descritivo*, e mais, o testemunho deve ser concebido por uma ética da escritura, ora porque a literatura é o campo onde o sujeito se manifesta no narrar, na ficção, ora porque existe a necessidade da referência histórica para não limitar o real a existir como formulação apenas na ficção. O testemunho e o teor ficcional nos estudos pós-coloniais são um espaço de “escuta (e leitura) da voz (e escritura)” daqueles que não tinham direito a elas, e no campo da rememoração, constitui-se pela literalização que é incapaz de traduzir o vívido em imagens, gerando o esquecimento; e a fragmentação, que permite o lembrar pela rememoração lacunar, e por isso, permite a invenção da criação literária (ZELIGMANN-SILVA, 2010, p. 5).

No que diz respeito ao lugar de conflito das narrativas entre o real e a ficção, do teor do testemunho e ficcional, permeado pelas narrativas do trauma, Bhabha (1998) pondera que um dos pilares mais fortes do pensamento pós-colonial é a imagem e como a sua representação formula as histórias não contadas de nações colonizadas.

E nesse contexto, a narrativa no que tange o tema, percorre a história da barbárie do deslocamento da memória dos moradores da favela no espaço da narrativa de *Becos da Memória*, pois Maria-Nova vive dentro da narrativa um momento de ruptura. Nações

colonizadas, na concepção de Bhabha, possuem imagens lacunares entre o passado colonizado e os signos culturais locais deixados pelo caminho. Por isso, o ressignificar esses signos devem ser feitos constantemente no presente.

Em um dos momentos mais violentos da narrativa, Maria-Nova busca o pagamento da dívida histórica, do roubo do seu lugar, ao chamá-lo de:

Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de fala à professora. Queria citar, como por exemplo de casa grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém, ela escutava alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela (EVARISTO, 2017, p. 56).

O testemunho é sempre uma forma de organizar os fragmentos do que foi vivido anteriormente. Para Seligmann-Silva, o testemunho constrói a identidade pela memória, as vezes pelo horror, enfatizando as rupturas e derrotas, por

possui um papel de aglutinador de um grupo de pessoas — antes de mais nada, em se tratando da Shoah, dos próprios judeus — que constroem a sua identidade a partir dessa identificação com essa “memória coletiva” de perseguições, de mortes e dos sobreviventes. Na “era das catástrofes” a identidade coletiva (e mesmo nacional) tende a se articular cada vez menos com base na “grande narrativa” dos fatos e personagens heroicos e a enfatizar as rupturas e derrotas. Daí também a atualidade do conceito de testemunho para articular a história e a memória do ponto de vista dos “vencidos”. O testemunho funciona como o guardião da memória (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 3).

De igual modo, a lembrança traumática é composta no simbólico e literal, aquele que sobrevive precisa falar como um ato de sobrevivência, e mais, o horror precisa ser denunciado, documentado, é preciso lidar com o luto da memória do trauma. Quando se narra, o sobrevivente arquiva a memória, assim como a separa para proteção.

No prefácio de *Becos*, Evaristo afirma que se a publicação do romance levou mais de uma década, a escrita foi fluída, pois a sua memória foi alinhavando os pedaços da colcha de retalhos da sua família a partir da linha da invenção, para preencher as lacunas dadas pelo esquecimento, diz a autora “invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e

a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p. 4). A literatura de Evaristo é uma literatura que remonta uma história do não dito antes, da opressão, mas ao mesmo tempo, de um exercício de elaboração do passado traumático pela urgência de narrar para formalizar a resistência da escrita negra.

Ruth Kluger ao narrar sua autobiografia, inicia seu relato afirmando que o sofrimento é impactado pela desproporção entre a imaginação e o fato, e por isso, parcialmente consegue dominar o passado, principalmente, pois há uma lacuna temporal entre o vívido e a narração, segundo Seligmann-Silva (2010). Inclusive, para o teórico, a memória, a história e o esquecimento na visão de Ricoeur nos ajuda a compreender e interpretar a diferença entre o *fato* e o *evento*, o primeiro dado pela representação, e o segundo, pelo metadiscurso, a imaginação não proporcional ajuda na elaboração do passado.

E a elaboração do antes, da memória do trauma está sempre pautado no presente para ser compreendida. O tempo necessário para o conhecimento do vivido, mostra-se em um trecho do romance em que Maria-Nova exerce o poder da escuta:

Tio Tatão dava os mais lindos. Ele tinha ido à guerra. Tinha histórias também. Mas, das histórias dele, Maria-Nova não gostava. Eram histórias com gosto de sangue. Histórias boas, alegres e tristes eram as de Tio Totó e da tia, Maria-Velha. Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração, aquelas ali haveriam de repetir ainda. Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita (...). Posso passar devagar, pé ante pé, perto do barraco do Tião Puxa-Faca. Gosto de ouvi-lo afiar a lâmina. Imagino a dor se ele me retalhar a carne. Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Maria-Velha parece que adivinhava os desejos de Maria-Nova. E, quando a menina estava para o sofrer, a tia tinha tristes histórias para lembrar (EVARISTO, 2017, p. 25).

A menina narradora de *Becos* no tempo da narrativa não gostava das histórias de sangue, pois sua epifania de que a *Guerra* ainda era vivida nas diferenças sociais, na sua cor, contra aos poderosos que queriam desapropriar a favela para construir paredes que jamais são pensados para ela e os seus ainda não tinha conseguido. Todavia, no tempo

da narração diz que as histórias de Tio Tatá “dava os mais lindos” relatos. Como já foi discutido anteriormente, Maria-Nova, passa uma parte da narrativa sendo a personagem câmera que registra as histórias, guarda-as, porém só compreende completamente as injustiças e opressões já presentes nos relatos de Tio Totó, Tatá e Bondade, quando durante uma aula percebe que os livros de história parecem estar alheios a sua realidade, concebe que senzala agora era a favela e a casa grande eram os condomínios de luxo, era o além do seu lugar.

Os corpos que andam, vivem e sofrem nos becos da memória da menina são as telas de representação de Stuart Hall, são as páginas que ela visita para recompor o caminho pós-colonial crítico, no qual tais corpos são evocações do que ainda aproximam a senzala da favela. A escravidão revivida nas histórias do avô de Maria-Velha, circulam a geografia que separam a favela-senzala da casa grande que está localizada nos lugares mais nobres de Belo Horizonte, por isso o romance é circular (SCHMIDT, 2017). E produz o movimento de ir e vir para que Maria-Nova, Evaristo e o leitor não esqueçam e rememorem, lembrem, não só porque não podem esquecer, mas acima de tudo, porque a lembrança, a rememoração e o relato são elementos de uma composição de aprendizagem que nos protege das máscaras, do silêncio, da injustiça de não retomar o nosso corpo-texto.

Conclusão

Assim, a leitura aqui tecida pode compor uma visão mais abrangente, não negando as matrizes europeias, mas problematizando-as pela perspectiva da "dialética de localismo e cosmopolitismo", apontada por Antônio Cândido, considerando uma crítica para a desaprendizagem na escrita pós-colonial da mulher negra. Escrevivências das memórias em *Becos* permite compor um caminho duplo da escrita feminina negra, nesse recorte pelo corpo texto, e de igual modo, pela ficção da memória, na qual a invenção é o caminho para o esquecimento, para rememorar o trauma como um ato político de resistência.

Um corpo-texto que ao mesmo tempo é um espaço da liberdade guerreada, e Maria-Nova faz isso ao narrar, mesmo que de forma interna, as experiências reveladas ao leitor, mas de igual modo, pelas cicatrizes é o rastro da violência do silêncio das

normas colonizadoras, em um movimento de lembrar e esquecer. Assim, o teor do testemunho e da ficção gera a relação entre o factual e o literário, para que a norma colonizadora não prevaleça, para que o fim da subalternidade seja um dos centros das discussões contemporâneas, para fomentar o narrar e o escrever da escrita feminina negra, no romance pós-colonial e/ou na história não única.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- Carta Capital. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. *Carta Capital*, 13 maio 2017. Entrevista Concedida a Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. São Paulo: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Da construção de Becos. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. São Paulo: Pallas, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. *Proposições*, v. 13, n. 3, set/dez, 2002.
- OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. Entre becos e memórias, Conceição Evaristo e o poder da ficção. *Literafro*, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/68-conceicao-evaristo-entre-be->. Acesso em: 30 abr. 2023.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p.3-15, 1989.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. O que é: lugar de fala? Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecssandra. Conceição Evaristo – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. *Itaú Social*; Rede Galápagos, 09 nov. 2020. Entrevista concedida a Tayrine Santana E Alecssandra Zapparoli. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: a cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: a força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. São Paulo: Pallas, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunho da Shoah e literatura*. 2010. Disponível em:
<https://texsituras.files.wordpress.com/2010/03/testemunho-da-shoah-e-literatura-seligmann-silva.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho da Shoah e Literatura e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*, São Paulo, n. 30, p.71-98, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/2255/1348/0>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 19/04/2023

Aceito em 28/06/2023